

TEOLOGIA PARA O SÉCULO XXI: SILÊNCIO E DIÁLOGO NA CAMINHADA

Breno Martins Campos

Resumo

Reformar o pensamento teológico para que a mentalidade dos teólogos seja também reformada é um dos desafios que a chegada oficial da teologia às faculdades e universidades brasileiras impõe ao campo teológico e eclesial. Não se trata de reforma sem comprometimento, mas de reforma para que a teologia se instaure como discurso relevante dentro da sociedade. Relevância para debater temas acerca da construção de um novo mundo de paz. A autocrítica propõe que a teologia volte a ser desenvolvida na caminhada, em diálogo entre pares teológicos e de teólogos com o povo. Reformar a práxis teológica é pedir aos teólogos que ouçam antes de responder; que construam novas respostas a perguntas novas. Reformar o pensamento teológico é propor que a tarefa teológica seja praticada com todo respeito ao outro, semelhante ou diferente, e suas especificidades.

Palavras chaves: teologia; diálogo; silêncio.

Introdução

(1) Falar sobre o *modus operandi* da teologia sistemática¹ é apresentar um encontro em que respostas são oferecidas a perguntas, num processo dialógico sem fim, pois cada resposta deve suscitar uma nova pergunta ou várias delas. O método – ou o caminho pelo qual a teologia sistemática se produz – é o da relação: ordem, desordem, interações, organizações (Morin, 2003b). A relação é mesmo de diálogo e o caminho não é de direção única. Como a vida, o caminho a ser percorrido apresenta bifurcações e desvios, cruzamentos e encruzilhadas, becos, possibilidades de avanço e necessidades de retrocesso.

O teólogo não pode fechar olhos e ouvidos à produção artística e cultural humana pretérita e contemporânea (Tillich, 1959), ao contrário, ela deve servir como fonte para o

¹ Dois recortes precisam ser assumidos no início deste ensaio: (1) trata-se de reflexão dirigida ao interior do cristianismo, o que não invalida a apreensão por teologias não-cristãs das discussões aqui desenvolvidas; (2) trata-se de uma discussão a respeito de teologia sistemática ou dogmática, tomadas como sinônimos, em diálogo com as teologias bíblica, pastoral, histórica, prática, cultural, enfim, com todas as metodologias teológicas que compõem o currículo de formação e a práxis do teólogo.

labor teológico em cada época. Evoca-se aqui o compositor brasileiro Milton Nascimento ("Encontros e despedidas"):

Todos os dias é um vai-e-vem / A vida se repete na estação / Tem gente que chega pra ficar / Tem gente que vai pra nunca mais / Tem gente que vem e quer voltar / Tem gente que vai querer ficar / Tem gente que veio só olhar / Tem gente a sorrir e a chorar / E assim chegar e partir / São só dois lados da mesma viagem / O trem que chega / É o mesmo trem da partida / A hora do encontro é também despedida.

Parece óbvio pensar que as perguntas mudam e, portanto, as respostas devem mudar também. Em relação causal, se as perguntas mudam, as respostas também mudam. Depois, vice-versa: mudadas as respostas, mudam-se as perguntas. Por que as perguntas mudam? Porque os tempos, os espaços, as pessoas, as comunidades, as sociedades mudam. A cada novo espaço-tempo correspondem novas perguntas sobre o espaço-tempo e sobre as pessoas do e no espaço-tempo.

As perguntas essenciais sobre a vida e a morte (a condição humana) permanecem: "quem somos? de onde viemos? para onde vamos?" e outras de natureza filosófica e existencial. Por sua vez, o conhecimento sobre elas não é invariável. Muda e aumenta na mesma proporção em que se desenvolvem a ciência e a tecnologia. Por aumentar o conhecimento, o número e o grau das perguntas associadas às fundamentais aumentam ou se modificam; assim como se multiplica o número de perguntas marginais, também importantes como tudo o que é marginal.

(2) Enxergar o *modus operandi* da teologia sistemática é travar contato com um conjunto pronto e acabado de respostas. Para que perguntas? Elas podem até ser localizadas (no tempo e no espaço), mas não importam mais. Podem até incomodar. O processo deixou de ser dialógico. O monólogo tomou seu lugar e quem fala é somente a dogmática – que adquiriu, como se possível, caráter atemporal e a-histórico, etéreo e não social, isto é, válido para todas as circunstâncias, em quaisquer espaços, ocupados por quem que seja. É uma teologia que se apresenta como ponto de chegada, sem caminho, sem beleza ou dor, portanto, sem vida.

Óbvio que a dogmática pode comportar no mínimo dois sentidos: o de conservação essencial (ou vital) e o de conservação estéril. Fundamentos são essenciais; fundamentalismos, desprezíveis. Se a dogmática é base para o diálogo e para que as vozes se ponham a caminho (sem fim), é positiva, indispensável, vital. Se é fixa e rígida a ponto de fossilizar o presente como se passado fosse, ela esteriliza (no sentido de tirar a

fecundidade) a possibilidade de a teologia ser relevante para cada um dos tempos e para suas pessoas. Aqui a referência vem de Chico Buarque ("Cotidiano"):

Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã / Me sorri um sorriso pontual / E me beija com a boca de hortelã / Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar / E essas coisas que diz toda mulher / Diz que está me esperando pro jantar / E me beija com a boca de café / Todo dia eu só penso em poder parar / Meio dia eu só penso em dizer não / Depois penso na vida pra levar / E me calo com a boca de feijão / Seis da tarde, como era de se esperar / Ela pega e me espera no portão / Diz que está muito louca pra beijar / E me beija com a boca de paixão / Toda noite ela diz pra eu não me afastar / Meia-noite ela jura eterno amor / Me aperta pra eu quase sufocar / E me morde com a boca de pavor / Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã / Me sorri um sorriso pontual / E me beija com a boca de hortelã.

Nos primórdios do cristianismo, a teologia sistemática nasceu interessada em dialogar, no sentido positivo do termo apologética, e se tornou *tanaticamente* dogmática durante os séculos. O fato de o quadro ser esse não é empecilho para mudanças, sob pena de se negar a própria natureza da teologia sistemática. Talvez seja a hora de uma nova reforma do pensamento teológico.

A chegada das faculdades de teologia às universidades brasileiras já é um sinal dos tempos novos, pois é impossível reformar o pensamento teológico sem a reforma dos teólogos pensadores. Também é impossível reformar os teólogos pensadores sem a reforma do pensamento teológico.

REVISTA DE ESTUDOS EM RELIGIÃO

(...) a abertura legal para a criação de cursos superiores de teologia com o reconhecimento oficial, inclusive pelas universidades, pode descortinar um horizonte novo para o pensamento filosófico-teológico que venha a contaminar as igrejas e abrir aos poucos campo para sua autonomia [a dos intelectuais que hoje são banidos de suas igrejas por causa de seu pensar crítico] (Mendonça, 2005 p. 66).

Para não morrer em círculo vicioso, uma reforma deve anteceder a outra. A reforma do pensamento deve anteceder à dos pensadores. A universidade e as faculdades são espaços plurais e de livre pensar necessários para a reforma do pensamento que há de anteceder a reforma dos pensadores.

Por uma teologia da pergunta

Cabeça bem-feita

Na sociedade contemporânea da informação, característico que ao mesmo tempo é uma de suas virtudes e desafios, esgotou-se o modelo do filósofo, cientista ou teólogo que tem muitas informações, por muitos chamadas de conhecimento, mas que não consegue relacionar uma com a outra, nem com a vida.

Uma mente com muitas informações armazenadas (ou decoradas) pode ser muito bem substituída por um bom *site* de busca ou um banco de dados. Uma mente que reflete e analisa é insubstituível.

O significado de "uma cabeça bem cheia" é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. "Uma cabeça bem-feita" significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de:

- uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas;
- princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido (Morin, 2001, p. 21).

Conhecer a história dos dogmas, por exemplo, é importante. Compreender seus porquês é fundamental. Enxergar a mão de Deus no estabelecimento das doutrinas é uma possibilidade que advém da fé, compreender as mãos humanas no processo é obrigação do teólogo. Falar de cor os credos é tarefa para aula de catequese, explicar a que perguntas os credos respondem é tarefa para a teologia. Será que os credos do passado oferecem respostas às perguntas da contemporaneidade brasileira? O que é ser teólogo no Brasil? Há tarefa para a teologia aqui?

Só pode haver vocações para tarefas possíveis. Quando tudo já está feito, como se sentir vocacionado para fazê-lo? Um jovem estudante de teologia procurou um dos seus professores para dizer-lhe de seus planos de ir para a Europa estudar teologia. E isto foi o que lhe foi dito: "Moço, para que estudar teologia? Não há novidades. A teologia só pode repetir aquilo que você já estudou aqui. Por que, ao invés de estudar teologia, você não estuda psicologia pastoral?" (Alves, 1982, p. 114).

O saber enciclopédico *à la* conjunto de verbetes deve ser substituído pelo saber enciclopédico *stricto sensu*, entendido "não como uma mera somatória de saberes, mas como um ciclo ativo que põe em movimento conceitos, idéias, sentimentos" (Carvalho, 2002, p. 13-14). O caráter enciclopédico do conhecimento deve colocar em comunicação pedagógica esferas do saber anteriormente não comunicantes, lançar o olhar para além das disciplinas e de suas fronteiras, sem negar o valor histórico de cada disciplina para a

construção do conhecimento socialmente compartilhado pela humanidade, inclusive em teologia.

Transdisciplinaridade

Transdisciplinaridade é diferente de interdisciplinaridade e de polidisciplinaridade ou multidisciplinaridade. Importa definir aqui cada categoria, ainda que rapidamente:

A interdisciplinaridade pode significar que diferentes disciplinas encontram-se reunidas como diferentes nações o fazem na ONU, sem entretanto poder fazer outra coisa senão afirmar cada uma seus próprios direitos e suas próprias soberanias em relação às exigências do vizinho. Ela pode também querer dizer troca e cooperação e, desse modo, transformar-se em algo orgânico.

A polidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas em torno de um projeto ou de um objeto que lhes é comum. As disciplinas são chamadas para colaborar nele, assim como técnicos especialistas são convocados para resolver esse ou aquele problema. De modo contrário, as disciplinas podem estar em profunda interação para tentar conceber um objeto e um projeto (...).

A transdisciplinaridade se caracteriza geralmente por esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas, às vezes com uma tal virulência que as coloca em transe. Em resumo, são as redes complexas de inter, poli e transdisciplinaridade que operaram e desempenharam um papel fecundo na história das ciências (Morin, 2002, p. 48-49).

Que a teologia incorpore também a transdisciplinaridade, fecunda transdisciplinaridade, em sua práxis. O exercício pode começar seriamente pelo encontro e confronto da teologia sistemática com a teologia bíblica, não nos moldes exatos da aula de Johann Philipp Gabler, em 1787, na qual o modelo da teologia bíblica foi alçado a padrão a ser seguido e o outro, o da teologia dogmática, a ser suplantado;² mas como o encontro de dois discursos que têm objetivos afins e relevância assumida dentro do campo teológico. Encontro que nenhuma fronteira consiga impedir.

Se o conservadorismo que tende ao literalismo e ao fundamentalismo na interpretação bíblica considera que o desdobramento da teologia bíblica tanto desconstruiu

² "O neologista e racionalista Johann Philipp Gabler (1753-1826), que nunca escreveu ou sequer teve a intenção de escrever uma teologia bíblica, ofereceu a mais decisiva e abrangente contribuição ao desenvolvimento da nova disciplina em sua aula inaugural [Discurso sobre a correta distinção entre teologia bíblica e teologia dogmática e a correta definição de seus objetivos] na Universidade de Altdorf em 31 de março de 1787. Este ano marca o início do papel da teologia bíblica como uma disciplina puramente histórica, completamente independente da dogmática. Diz a famosa definição de Gabler: 'A teologia bíblica possui um caráter histórico, que transmite o que os escritores sagrados pensavam das questões divinas; a teologia dogmática, pelo contrário, possui caráter didático, ensinando o que determinado teólogo filosofa sobre as questões divinas, de acordo com sua capacidade, época, idade, lugar, doutrina ou escola, e outras coisas do gênero'" (Hasel, 1988, p. 20).

que ficou sem objeto, por outro lado, pode-se sustentar que a teologia sistemática construiu um edifício tão sólido e hermético que quem está dentro não sai e quem está fora não consegue entrar.

Teologia sistemática e teologia bíblica são esferas do saber que devem entrar em comunicação pedagógica. Não se trata, é claro, do modelo antigo, no qual o teólogo vai ao texto bíblico para buscar versículos esparsos a fim de fundamentar um argumento, mas de ler o texto bíblico o mais perto possível de como foi produzido e lido em seu contexto fundante – caminhos trilhados pela teologia bíblica em seu labor.

O exemplo do encontro fecundo da teologia sistemática com a teologia bíblica deve ser o do encontro e diálogo de todas as metodologias dentro do currículo teológico, e de todas as disciplinas teológicas com as artes, filosofias e ciências.

Tolerância

A teologia sistemática tem de se assumir pretensiosa, no que a palavra guarda de negativo, pois ela fala do Mistério, do Totalmente Outro ou Numinoso de Rudolf Otto.³ No que há de mais belo em seu labor, apresentar o Sagrado à humanidade, reside seu maior desafio: apresentar o Sagrado à humanidade. O que significa isso? Que ao apresentar Deus a teologia sistemática corre o risco de apresentar o deus dos teólogos, dos sistemas e dos dogmas à humanidade.

O risco é o de aprisionar Deus em verdades humanas, que são sempre parciais.

Por isto, parece-me, só existe uma saída: uma recusa consciente à verdade e às certezas, antes que elas se apoderem de nós. No espírito de Lessing,⁴ temos de repetir:

"Se Deus tivesse na sua mão direita toda a Verdade, e na sua mão esquerda somente apenas o perpétuo impulso na direção da verdade, muito embora acrescido do fato de que estou destinado a errar sempre e eternamente, e me dissesse: 'Escolhe'. Eu escolheria a sua mão esquerda e diria: 'Dá, ó Pai! A Verdade pura, na verdade, é para Ti somente'" (Alves, 1982, p. 284).

³ *Numinoso*: termo cunhado por Otto para derrubar todos os conceitos errôneos atribuídos ao *sagrado*. "O elemento de que falamos e que vamos procurar dar a conhecer, fazendo pressenti-lo, aparece como um princípio vivo em todas as religiões. Constitui a sua parte mais íntima e, sem ele, nunca seriam formas da religião" (Otto, 1992, p. 14). Mais: "(...) o nosso X [o numinoso] não pode ser objeto de ensino propriamente dito; só pode ser excitado, despertado, como tudo o que procede do espírito" (Otto, 1992, p. 15). O numinoso origina alguns sentimentos (religiosos): "o sentimento de estado de criatura, o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura" (Otto, 1992, p. 19). O sentimento do *Mysterium Tremendum* que pode ser entendido como o numinoso em si mesmo: sentimento do "mistério que causa arrepios" (Otto, 1992, p. 22).

⁴ Citado por Kierkegaard, 1949, p. 70.

O desdobramento humano da posse da verdade é a intolerância, discriminação, perseguição, desprezo, exclusão, no limite, a morte.

O mundo aprendeu a intolerância ao longo de séculos. Eis chegada a hora da educação para a tolerância. Ensinar que o contrário de uma verdade não é um erro, mas uma verdade contrária. Será possível a teologia incorporar isso a seus manuais e a seu *métier*? Blaise Pascal (1973, p.270), ele mesmo um cristão, filósofo e teólogo, escreve:

Há um grande número de verdades, de fé como de moral, que parecem repugnantes e que subsistem todas numa ordem admirável. A fonte de todas as heresias é a exclusão de algumas dessas verdades; e a fonte de todas as objeções, que nos fazem os heréticos, é a ignorância de algumas de nossas verdades. E, normalmente, acontece que, não podendo conceber a relação de duas verdades opostas, e crendo que a confissão de uma resulta na exclusão da outra, eles se apegam a uma e excluem a outra, pensando que tomamos posição contrária. Ora, a exclusão é a causa da heresia deles; e a ignorância de que sustentamos a outra verdade causa suas objeções.

(...)

Todos erram tanto mais perigosamente quanto cada qual busca uma verdade. Seu erro não consiste em seguir uma falsidade, mas em não seguir outra verdade.⁵

Em termos bem contemporâneos Amós Oz (2004), intelectual judeu pacifista, apresenta o conflito entre judeus e palestinos não como uma possibilidade de escolha do certo ou do errado, mas dentre um certo e outro certo.

O conflito palestino-israelense não é um filme de faroeste. Não é uma luta entre o bem e o mal. Vejo-o, antes, como uma tragédia, no sentido antigo e mais preciso da palavra "tragédia": um choque entre certo e certo, entre uma reivindicação muito poderosa, muito profunda, muito convincente, e uma outra reivindicação muito diferente, mas não menos convincente, não menos poderosa, não menos humana (Oz, 2004, p. 46).

Ensinar a tolerância é preciso, mas de que espécie? Não é qualquer tolerância que serve, óbvio.

(...) nem a flácida aceitação do mundo como o conhecemos, a tolerância aguada de todas as doutrinas porque elas poderiam trazer em seu seio alguma contribuição, nem a fanática obstinação de um doutrinário disposto a ver mil perecerem para que um único se salve (Moore Jr., 1970, p. 60).

Não havia por que ser tolerante com o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial do século passado, em suas versões alemã com Hitler, italiana com Mussolini e, com suas especificidades, soviética com Stalin, nada de bom havia em sua natureza e *práxis*: Karl

⁵ O trecho transcrito corresponde aos pensamentos 862 (fragmentos) e 863 (completo), segundo a edição clássica de Brunschvicg.

Barth, com sua "Declaração de Barmen", e Dietrich Bonhoeffer, com sua ética e práxis libertária, sabiam disso em relação ao caso alemão.

A tolerância pretendida, da qual deve participar a teologia como sua construtora, é a que considera como erro fundamental a apropriação monopolista da verdade, sem negar a verdade, mas que apresenta a verdade como um caminho de busca sem fim. Quanta morte teria sido evitada se a noção da fragilidade e da parcialidade da verdade tivesse se desenvolvido. Quantos teólogos não teriam sido assassinados e quantos não teriam matado.

O ensino e a prática da tolerância têm uma dimensão ética fundamental para a era planetária contemporânea: a construção e preservação de um mundo para todos. Isso só será possível se o amor reinar. "O amor será o dogma da religião universal e o que deverá imperar": esperança de Jorge Bertolaso Stella (1980, p. 40) para a Igreja no terceiro milênio em texto escrito na década de 70 do século passado.

Conhecimento pertinente

O conhecimento teológico somente será pertinente para a humanidade, suas sociedades e comunidades em diálogo com elas. Para isso deve ser inaugurada a teologia da pergunta nos moldes da pedagogia da pergunta proposta por Paulo Freire e Antonio Faundez, que dialogaram um livro: justamente o *Por uma pedagogia da pergunta*. A teologia não deverá ser feita para o povo, mas com o povo. Para isso há necessidade de ouvir e de dialogar: a busca da verdade no devir do diálogo. Respostas prontas a perguntas não-feitas são palavras vazias, não criam e não transformam realidades; são casas feitas na areia, não se sustentam.

De Antonio para Paulo: "No fundo, e você sabe disso, como todos o sabemos, para nos descobrir precisamos nos mirar no Outro, compreender o Outro para nos compreender, entrar no Outro" (Freire; Faundez, 1988, p. 23). Eu e o outro, nós e os outros, impossível não pensar no item anterior, impossível não voltar a ele, a tolerância. De Paulo para Antonio: "A tolerância não significa de maneira nenhuma a abdicação do que te parece justo, do que te parece bom e do que te parece certo. Não, não, o tolerante não abdica do seu sonho pelo qual luta intransigentemente, mas respeita o que tem sonho diferente do dele" (Freire; Faundez, 1988, p. 27).

Pergunta para inaugurar uma teologia da pergunta, mãe de todo conhecimento teológico pertinente: como pode a teologia afirmar que tem a compreensão do Outro, que

sabe de sua vontade, sentimento, desejo, mandamentos etc., se é incapaz de mirar o outro, compreender o outro entrar no outro, ou melhor, se é incapaz de mirar-se no outro e compreender-se no outro?

Por uma teologia do silêncio dialógico

Antagonismo e complementaridade

Esta segunda seção parece estar em oposição à anterior; seus próprios termos são contraditórios, excludentes, anunciados por um oxímoro: silêncio dialógico. Os termos são antagônicos e ao mesmo tempo complementares. Diálogo implica em vozes, sons, ruídos, opiniões, conceitos, em encontro e confronto; porém, algumas vezes o silêncio pode ser a base do diálogo, ao menos, o primeiro passo para o diálogo possível entre as partes.

Convém lembrar aqui, a máxima da tradição cristã: amar a Deus e ao próximo, que para o próprio Cristo representava o resumo maior de toda a Lei e dos Profetas, ou seja, uma ponte possível e consistente entre a tradição judaica e a cristã. Lida dentro do conjunto do Novo Testamento, especialmente dentro do ensinamento teórico e ético encontrado nos textos joaninos, a máxima a respeito do amor coloca o ser humano imerso em sua condição essencial de ser-no-mundo-em-diálogo-com-os-outros, ser em constante relacionamento interpessoal. Quem afirma amar a Deus, a quem não vê, e odeia o próximo, a quem vê, é mentiroso.

O desafio da condição humana é a relação entre um *eu* e um *tu* (um outro), a relação de um ser-em-falta que precisa do outro para se complementar. Exilado de si, o ser humano precisa do espelho do outro para a construção de sua própria imagem. O casamento é exemplo dessa relação.

'Unitas multiplex'

A metáfora do casamento serve aqui como protótipo de outros relacionamentos entre um *eu* e um *tu*, que podem ser, um e outro, entidades coletivas. "O casamento é uma ocasião para você chegar a uma experiência que transcende a sua encarnação pessoal de um aspecto, e, através da relação no casamento, você pode experimentar uma identidade com aquele outro você" (Campbell, 2004, p. 26). Ele acaba com o isolamento do eu, que já não é um ser separado. Eis o modelo da compreensão dos opostos: "Adão e Eva são

simplesmente dois aspectos de um ser" (Campbell, 2004, p. 25). A unidade é múltipla; da diversidade, surge a unidade.

Da prosa à poesia de Adélia Prado ("A catecúmena"):

Se o que está prometido é a carne incorruptível, / é isso mesmo que eu quero, disse e acrescentou: / mais o sol numa tarde com tanajuras, / o vestido amarelo com desenhos semelhante urubus, / um par de asas em maio e imprescindível, / multiplicado ao infinito, o momento em que / palavra alguma serviu à perturbação do amor. / Assim quero "venha a nós o vosso reino". / Os doutores da Lei, estranhados de fé tão ávida, / disseram delicadamente: / vamos olhar a possibilidade de uma nova exegese / deste texto. Assim fizeram. / Ela foi admitida; com reservas (1991, p. 44).

Poetas só falam ou escrevem quando suas palavras vão criar novas realidades ou gerar transformação dentro e fora das pessoas. Porque já foram, eles mesmos, incendiados por elas. Quebrar o silêncio é uma responsabilidade muito grande. De palavras vazias, opiniões e ruídos o mundo já está cheio. Excesso de informações e opiniões, falta de relacionamentos.

Diante da grandeza de Deus, alguns teólogos do passado, desde o primeiro milênio da era cristã, criaram uma espécie de teologia negativa: a teologia do silêncio.⁶ Nada há para dizer a respeito do Criador, tudo é para ser sentido, sorvido e gozado no silêncio da criatura diante da beleza divina. As palavras seriam os túmulos dos deuses.

Aos amantes pode-se propor a declaração de amor negativa, silenciosa. Nada há para ser dito diante da beleza do amor. As sensações devem ser liberadas da prisão das palavras. Toda palavra proferida será menor e menos importante do que o próprio amor que ela pretende exprimir.

Acontece que o amor perturba, a presença do outro que se ama incomoda e convoca palavras à luz. A alma de Adélia Prado sabe que palavra nenhuma é capaz de diminuir essa perturbação. Os amantes em geral, prosaicos, põem-se a falar quando perturbados. Quantos imprudentes "eu te amo" são jogados ao vento. Não transformam ninguém. Não criam nenhuma outra realidade. Não fazem o corpo tremer. Amantes não sabem que estão

⁶ "A Tradição da *teologia negativa* entende-se neste sentido como caminho para o silêncio, embora como caminho no qual o pensar e falar dão conta de si e se dispõem a calar. No caso de Dionísio Areopagita a teologia negativa encontra-se na tradição do (neo)platonismo, na qual o protofundamento da realidade se apresenta cada vez mais como o uno 'supra-essencial' que tudo abarca, inacessível ao pensamento classificador e definidor, ao discurso que distingue e delimita. A adequação do pensamento e do discurso àquilo que deve ser pensado e dito precisa, por assim dizer, ser superada pela 'união mística' do pensante e falante com o próprio Uno, por aquela *henosis* (unificação) para a qual nos preparamos, 'quando nós, mediante pureza e santidade agradáveis a Deus, nos conformamos ao brilho superior' (Dionísio Areopagita), para nos deixar envolver pelo bem-aventurado silêncio" (Werbick, 2000, p. 28).

sepultando o amor ao falar sem poesia. Poesia é trazer à luz o que não existe. É experiência de fé: enxergar o invisível.

De Adélia Prado para a sabedoria bíblica, da poesia, de novo, para a teologia, saber humano que pretende oferecer gaiolas de ouro para Deus e nem sabe que Deus é espírito indômito, cuja beleza é a própria liberdade. Quem procura Deus e fica encantado com a beleza da gaiola não tem os olhos da fé.

O autor de *Eclesiastes* inicia sua argumentação expressando um sentimento realista e pessimista ao mesmo tempo: "O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol. / Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós" (*Ec 1.9,10, A BÍBLIA Sagrada*).

Casais, romances, amantes sempre existiram. Desde a história fundante da família, na tradição judaico-cristã, a história de Adão e Eva, as pessoas se casam. A poesia do livro do *Gênesis* ensina: porque Deus fez a mulher para o homem e o homem para a mulher, ambos deixam suas casas e famílias e tornam-se uma só carne.

A riqueza da liturgia cerimonial de um casamento cristão, por exemplo, reflete a história arquetípica da experiência dos amantes: uma mulher deixa sua família para unir-se a um homem que também deixa sua família. Marido e mulher expandem-se para além de si mesmos, de suas individualidades. Duas histórias e cosmovisões tão diferentes criam um novo universo e a vida renasce, os dois são uma só carne.

Ainda que o *Eclesiastes* demonstre que não há novidades na vida, a beleza de um momento único grava lições na alma. Os amantes apostam sua vida no outro.⁷ Felicidade é viver o presente: eis a lição mais rica do *Eclesiastes*, para além de todo realismo, concretismo ou pessimismo.

Acho que um dos problemas no casamento é que as pessoas nem sempre sabem o que ele é. Pensam que é um longo caso de amor, mas não é. O casamento nada tem a ver com a felicidade. Tem a ver, isto sim, com uma transformação pessoal, e, quando ela acontece, é uma experiência magnífica. Mas você tem de se submeter. Tem de ceder. Tem de dar. Não pode só ditar (Campbell, 2004, p. 57).

Nas *Confissões*, Santo Agostinho (1984, p.323) dedica-se a refletir acerca do tempo:

⁷ Apostar é um verbo-chave para a compreensão deste ensaio. Por exemplo: Pascal, homem de fé, "consciente de ser impossível dar uma prova absolutamente segura de seu Deus, reconheceu a inevitabilidade da aposta ['Da necessidade da aposta']" (MORIN, 2001, p. 62).

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros.

O casamento é o presente dos fatos passados: duas pessoas, duas famílias, duas tradições, duas formas de educação, duas histórias, duas visões. Duas pessoas que se unem no presente dos fatos presentes e que se abrem para o presente dos fatos futuros: projetos e sonhos, ideais, uma nova e mesma história, visões compartilhadas. A soma de um mais um é igual a um e ao mesmo tempo muito maior do que dois. A unidade no amor se alimenta da diversidade e faz com que ela cresça. O amor é sempre criativo. A criatividade não admite um único traço, uma única coloração.

Eis a lição maior do relacionamento entre pessoas que se amam: viver bem o presente. Esquecer o que foi dito no passado: esquecer aquilo que não é vida ou felicidade. "Bom é o esquecimento! / Senão como se afastaria o filho / Da mãe que o amamentou? / Que lhe deu a força dos membros / E o impede de experimentá-la?" (Brecht, 1986, p. 154). O "Elogio do esquecimento" de Bertold Brecht encontra apoio nas palavras de Alberto Caiero, um dos heterônimos de Fernando Pessoa: "Procuro despir-me do que aprendi, / Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, / E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, / Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, / Desembrulhar-me e ser eu (...)" (Pessoa, 2000, p. 233).

REVISTA DIGITAL DE ESTUDOS EM RELIGIÃO

Profecia

Quantos profetas contemporâneos da mesquinhez têm anunciado que não vale apostar em relacionamentos. Não são eles que falam, mas as cascas e as demãos de tinta com que foram pintados e que os impedem de enxergar a própria essência. A ideologia oferecida pela propaganda é a de que todos são concorrentes num mundo que não oferece espaço a todos. O outro deve ser superado, derrotado e, no limite, eliminado. O que importa é ter, produzir, acumular, possuir, comprar: uma espécie de fanatismo moderno e profano.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça... Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (Larrosa, 2004, p. 116).

A proposição acima é do filósofo espanhol Jorge Larrosa e a explicação para a situação descrita é oferecida por ele mesmo: excesso de informação, opinião, trabalho e falta de tempo. Problemas da contemporaneidade que impedem os relacionamentos e afastam as pessoas da sabedoria.

Adélia Prado(1991, p.252) impõe-se novamente a respeito do esquecimento de tudo que não é vida, em sua poesia "Casamento":

Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes. / Eu não. A qualquer hora da noite me levanto, / ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar. / É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha, / de vez em quando os cotovelos se esbarram, / ele fala coisas como "este foi difícil", / prateou no ar dando rabanadas / e faz o gesto com a mão. / O silêncio de quando nos vimos a primeira vez / atravessa a cozinha como um rio profundo. / Por fim, os peixes na travessa, / vamos dormir. / Coisas prateadas espocam: / somos noivo e noiva .

Não importa se quem pesca é o homem ou a mulher. Importa que sejam lançadas ao ar as sementes prateadas de um novo tempo, capazes de engravidar pessoas e fazer nascer um mundo novo. Viver bem o presente e sua felicidade é renunciar o passado que não é vida e anunciar a vida no futuro. Os amantes têm uma função profética a serviço da vida: "(...) alimentar, nutrir, fazer surgir uma consciência e uma percepção alternativa à consciência e à percepção culturais dominantes à nossa volta" (Brueggemann, 1983, p. 12).

Viver bem o presente é anunciar um futuro diferente e o relacionamento amoroso entre duas pessoas é profecia, contracultura, reino de beleza e criatividade. Contra toda competição, solidariedade. Contra toda exclusão, acolhimento. Contra toda hipocrisia, a construção de um mundo em que caibam todas as pessoas em sua diversidade criativa e construtiva.

Cabe aqui mais uma referência que vem da literatura, George Orwell e seu *1984*: num contexto de amor proibido e controlado, Júlia e Winston conseguiram esquecer o que o Partido havia lhes ensinado e por um tempo viveram um amor que anunciava novas possibilidades. "Um caminho atravessando o campo. Uma alameda gramada. Uma picada entre as touceiras. Uma árvore morta coberta de musgo" (Orwell, 1978, p. 109): foi ali que os dois fizeram da realidade um esconderijo para o amor e cumplicidade; que renunciaram um passado inteiro de imposição de valores contra a vida e anunciaram uma realidade possível contra toda circunstância ou esperança.

Compreender é fugir da indiferença. É superar o auto-engano que exclui e mata: não é o outro sempre o culpado, errado, equivocado. Compreender é tolerar, no sentido discutido anteriormente. Tolerar é trilhar um caminho de três passos: (1) respeitar o direito que o outro tem de se exprimir, mesmo que pareça ignóbil; (2) optar pela democracia, que se alimenta de opiniões diversas e antagônicas, ao mesmo tempo em que convida ao respeito da opinião divergente no debate; e (3) acatar o conceito de que o contrário de uma idéia profunda é outra idéia profunda (Morin, 2005). Ou de quatro passos: (1) não impedir a existência do outro; (2) compreender o outro e sua existência; (3) aceitar o direito que o outro tem de viver segundo suas convicções; e (4) aceitar que há verdade também lá fora, no outro (Ricœur, 2000).

Tolerar não é somente aceitar o outro, suportar ou agüentar o outro, mesmo quando está errado, impreciso, incerto; tolerar não é uma espécie de condescendência. Tolerar é amar: "(...) as palavras *sobre* o amor são exatamente o inverso das palavras *do* amor. Elas se constituem num discurso frio, técnico, objetivo, que, em si mesmo, degrada e dissolve seu objeto" (Morin, 2003a, p. 15). Às vezes, o diálogo mais construtivo é em silêncio.

Conclusão

A relevância da teologia para hoje, ou melhor, em cada tempo, passa por levar a sério a consideração filosófica de Nietzsche, no aforismo 26 da seção "Máximas e dardos" do livro *Crepúsculo dos ídolos*: "Desconfio de todos os sistemáticos e afasto-me do seu caminho. A vontade de sistema é uma falta de probidade" (1988, p. 17). No caso da teologia, a falta de probidade é encontrada nos casos em que o sistema é apresentado como o Sagrado; dito de outra maneira, nos casos em que o sistema impõe os limites para o Sagrado.

Fazer teologia é caminhar, estar no e a caminho, com o povo, na relação já defendida de diálogo criativo e silêncio respeitoso. Nunca é demais lembrar que os primeiros cristãos eram conhecidos como "os do Caminho". Fazer teologia é calar e ouvir, antes de responder. A cada passo dado ou a ser dado o ser humano é convidado a uma decisão, que pode levar ao erro. Viver é arriscado. Ninguém é obrigado a acertar sempre. A língua portuguesa permite um trocadilho aqui: caminhar é errar. Errante é todo aquele que decide.

Num bosque de folhas amareladas dois caminhos havia e eu não podia ser dos dois caminhante, fiquei ali a concentrar-me num deles, olhando fixamente até perdê-lo de vista nessa curva da folhagem distante. / Mas foi pelo outro que fui, igualmente bom e até certo ponto talvez melhor, porque cheio de erva e a pedir que o usassem; embora quem por ele passava ainda mais usado se sentisse. / Tanto um como o outro ali estavam, de folhas no chão que nenhum pé escurecera. Oh, deixei o primeiro para outro dia! Mas sabendo como um caminho a outro leva, duvido que lá possa voltar um dia. / Isto direi com um suspiro na alma no tempo que durar a minha vida: Havia nesse bosque dois caminhos, e eu, eu fui pelo menos utilizado, e aí reside toda a diferença (Frost, 1979, p. 105).⁸

Na caminhada, um mapa não é o território e nem pode ser confundido com ele. Serve como orientação para o caminhante que se dispõe a trilhar determinados caminhos. Caminhos conhecidos, diga-se, pois o mapa permite apenas o retorno, uma vez que o passo seguinte, se pode ser previsto, não pode ser afirmado. Caminho mapeado é caminho conhecido. O mapa é póstumo, vem à luz depois da morte do caminho que se faz ao caminhar. É estático, pois congela o dinamismo da história e da geografia, e a ação do ser humano em seu interior. Se o caminho não pára, pois o caminhante está sempre em busca de novas trilhas, o mapa vem depois, em atraso, e retrata o passado, próximo ou distante, mas passado. Quem o desenha já não está a caminho, parou por um instante ou definitivamente. Por fim, o mapa é também parcial, pois esconde e revela o que lhe interessa; na verdade, o que interessa a seu criador, que pode ter refletido ou não a respeito do caminho.

A teologia é um mapa, não pode ser tomada como o território, não pode ser confundida com o Sagrado: é póstuma, estática, parcial. É ultrapassada, pois o caminho e seus caminhantes estarão sempre a sua frente. Como todo mapa, é fonte de orientação e informação para andar do presente para caminhos conhecidos desde o passado. Do presente para o futuro incerto e em construção, a caminhada depende de relacionamentos, que poderão ou não ser permeados pela paz. Só haverá paz no mundo se houver paz entre as religiões; só haverá paz entre elas se houver diálogo respeitoso, compreensão, tolerância, sobretudo, amor.

A teologia pertinente para o século XXI é aquela do diálogo dentro do campo teológico e para fora dele, dos teólogos entre si e dos teólogos com a sociedade. Para

⁸

Tradução

disponível

em:

<http://clubedasalmasinquietas.blogspot.com/2003_12_01_clubedasalmasinquietas_archive.html>.

existir diálogo há necessidade de suspender as certezas, sem abandonar os fundamentos. Para a suspensão das certezas que instaura o diálogo e o silêncio capazes de trazer à luz um novo mundo de paz, reformar as mentalidades teológicas é urgente. Tarefa que a reforma da teologia, promovida pelas faculdades e universidades no Brasil do século XXI, tende a cumprir, se houver liberdade para cabeças bem-feitas pensar e criticar o pensamento.

Referências Bibliográficas

A *BÍBLIA Sagrada*: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. 2 ed. rev. atualizada. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo, Paulinas, 1984.

ALVES, Rubem Azevedo. *Protestantismo e repressão*. 2 imp. São Paulo, Ática, 1982.

BRECHT, Bertold. *Poemas: 1913-1956*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BRUEGGEMANN, Walter. *A imaginação profética*. Trad. José Wilson de Andrade. São Paulo, Paulinas, 1983.

CAMPBELL, Joseph. *E por falar em mitos... conversas com Joseph Campbell*. Trad. Marcos Malvezzi Leal. Campinas, Verus, 2004.

CARVALHO, Edgard de Assis. Prefácio – A complexidade do homem genérico. In: MORIN, Edgar. *Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo*. Trad. Maria Lucia Rodrigues; Salma Tannus. Porto Alegre, Sulina, 2002. p. 13-18.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Trad. Heitor Ferreira da Costa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

FROST, Robert. *The poetry of Robert Frost: the collect poems, complete and unabridged (edited by Edward Connery Lathem)*. New York, Henry Holt and Company, 1979.

HASEL, Gerhard F. *Teologia do Novo Testamento: questões fundamentais no debate atual*. Trad. Jussara Marindir Pinto Simões Arias. Rio de Janeiro, JUERP, 1988.

KIERKEGAARD, Søren. *Post-Scriptum: aux miettes philosophiques*. Trad. Paul Petit. 8 ed. France, Gallimard, 1949.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; RIOLFI, Claudia Rosa; GARCIA, Maria de Fátima (orgs.). *Escola viva: elementos para a construção de uma educação de qualidade social*. Campinas, Mercado de Letras, 2004. p. 113-132.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *In: Revista USP: religiosidade no Brasil*. São Paulo, USP; CCS, n. 67, p. 48-67, set.-nov. 2005.

MOORE JR., Barrington. A tolerância e o ponto de vista científico. *In: WOLFF, Robert Paul; MOORE JR., Barrington; MARCUSE, Herbert. Crítica da tolerância pura*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Zahar, 1970. p. 59-85.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgard Assis Carvalho. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003a.

_____. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. *O método 1: a natureza da natureza*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre, Sulina, 2003b.

_____. *O método 6: ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre, Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Artur Morão. Lisboa, Edições 70, 1988.

ORWELL, George. *1984*. Trad. Wilson Velloso. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Trad. João Gama. Lisboa, Edições 70, 1992.

OZ, Amós. *Contra o fanatismo*. Trad. Denise Cabral de Oliveira. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

PESSOA, Fernando. *Ficções do interlúdio: 1914-1935*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo, Siciliano, 1991.

RICŒUR, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. BARRET-DUCROCQ, Françoise (dir.). *A intolerância*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000. p. 20-23.

STELLA, Jorge Bertolaso. *A Igreja e o terceiro milênio*. São Paulo: s.n., 1980.

TILLICH, Paul. *Theology of culture*. New York, Oxford University Press, 1959.

WERBICK, Jürgen. Prolegômenos. *In*: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*. Trad. Walter O. Schlupp. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 9-50.

âncora

REVISTA DIGITAL DE
ESTUDOS EM RELIGIÃO